

ESPORTES

MILÃO-CORTINA 2026

Duda Ribera começou “escondida” no esporte e está próxima da segunda participação em Jogos Olímpicos de Inverno. Ela é a primeira brasileira convocada



Duda treina a maior parte do ano em Jundiaí, no rollerski, a versão no asfalto e sobre rodas do cross-country

Igo Bione/CBDN

VICTOR PARRINI

Eduarda Westemaier Ribera é a primeira mulher brasileira confirmada nos Jogos Olímpicos de Inverno de Milão-Cortina, em 2026. É nova, talentosa, mas não se deixe enganar pela idade. Embora tenha nascido em Jundiaí em 21 de novembro de 2004, não desfilará pela primeira vez nos tapetes brancos da neve que impulsiona o esqui cross-country. Ela desembarcará nos alpes italianos com a bagagem da experiência na edição gelada da Olimpíada em Beijing-2022, após ser chamada às pressas para substituir Bruna Moura, devido a um acidente de carro. Fruto de muito trabalho e de uma insistência de quem treinou “escondido” em um passado não tão distante.

Quem assistirá a Duda nas provas de sprint 1,5km e 10km em Milão-Cortina talvez não saiba como a história começou, em 2015. Em entrevista ao **Correio**, ela lembra quando o projeto social Ski na Rua buscava atletas paralímpicos em Jundiaí. Como não há neve no interior paulista, a base da modalidade é o rollerski, a versão sobre rodas no asfalto. O irmão dela, multicampeão do cross-country na categoria sitting, Cristian Ribera, nasceu com artrogrifose, uma doença congênita das articulações das extremidades, destacou-se e tornou-se um dos principais nomes do cenário. Hoje, ele lidera o ranking internacional. Duda também se apaixonou, acompanhou o mano nos treinos até um treinador prometeu: “Traremos uma bota escondido para você e a deixaremos testar”.

Para quem observava atentamente aos passos do irmão, a adaptação foi rápida. Claro, caía, mas levantava e seguiu até um momento em que a relação não poderia mais ser mantida em segredo. “Após três meses, disseram que teriam de contar sobre uma atleta de Jundiaí que estava treinando um ‘pouco’ escondida. Depois de seis meses, eu viajei para neve, para Argentina e Chile, aos 12 anos, e daí eu só fui”, relata Duda. Hoje, ela tem diversos feitos para se orgulhar. Aos 15 anos, disputou os Jogos Olímpicos de Inverno da Juventude, em Lausanne-2020, na Suíça. Perdeu as contas de quantos títulos nacionais de rollerski conquistou. Também celebra ser a brasileira com melhor resultado em

Alexandre Castello Branco/COB



5 VAGAS

garantidas tem o Brasil para Milão-Cortina: duas no esqui cross-country, duas no esqui alpino e uma no cross-country masculino. Os brasileiros ainda podem obter classificações no biatlo e no snowboard

A alegria de Duda, aos 17 anos, na primeira participação em edição adulta da Olimpíada de Inverno, em 2022

uma prova no Mundial de cross-country, em Trondheim, Noruega, com a 65ª posição no sprint.

Embora as medalhas ainda não tenham vindo, Duda enxerga evolução e gostaria de mais apoio. “Se tivéssemos mais oportunidades, igual aos outros esportes, acho que isso seria bem legal, porque não tem como conseguirmos medalha na neve, se não temos neve, principalmente para os olímpicos. Essa realidade está bem longe, pelo menos de nós, que treinamos no Brasil. Se pudéssemos ter uma estrutura a mais e um apoio maior para ficarmos muito mais tempo na neve, talvez um dia daria”, reconhece.

As chances de subir ao pódio em Milão-Cortina são remotas, mas a edição será especial pela proximidade com a família. “Será

a primeira vez que meu pai e minha mãe poderão viajar para fora do Brasil, e eles estarão nos acompanhando de pertinho. Está sendo a melhor sensação do mundo, de poder proporcionar aos meus pais uma experiência incrível, de estarem na neve num evento tão grande. Acho que está sendo melhor ainda, porque eu vou ter todos eles, o meu namorado, a minha psicóloga, os meus dois irmãos”, celebra. A edição gelada da Olimpíada no próximo ano será a segunda que terá o privilégio de dividir com o irmão Cristian. Eles dividiram a experiência na China, há três anos.

Duda é uma atleta conscienciosa. Ela enxerga o impacto das mudanças climáticas no cenário dos esportes de neve. Testemunhou várias provas canceladas devido à falta de

condição. “Tremos para Europa agora, dia 17, na segunda-feira. O lugar para o qual iremos está sem neve. Acho que deve ter um 1,5km de pista, mas é artificial. É preocupante ainda.”

A modalidade

O esqui cross-country é a forma mais antiga de esqui e surgiu na Escandinávia, a partir da necessidade de se percorrer longos trajetos cobertos por neve. Durante séculos, no norte coberto de neve, os esquis eram necessários para perseguir a caça e coletar lenha no inverno. Com longas distâncias entre as pequenas comunidades isoladas e invernos rigorosos, o esqui também se tornou importante como meio de manter o contato social. As provas têm de 2km a 50km.

VÔLEI

Brasília encara o Fla no Rio



Rogério Guerrero/Brasília Vôlei

Camisa do 12 Brasília, Vitória é a voz da experiência em quadra

MEL KAROLINE*

O DNA de uma equipe passa pelas ideias do treinador. Porém, algumas peças ajudam a manter viva a identidade do time e, no Brasília Vôlei, não é diferente. Desde 2019 no clube, a libero Vitória Trindade se orgulha de ter construído um laço de família com a equipe da capital. Jogadora importante para a permanência do time na elite das quadras do Brasil, ela entra em quadra, hoje, para ajudar a companhia do Distrito Federal a buscar o triunfo contra Flamengo, às 18h30, no Rio de Janeiro.

Natural de Curvelo (MG), a atleta de 30 anos vive um longo casamento com o Brasília Vôlei. Sempre adepta aos esportes, Vitória se aventurou por muitas modalidades até escolher, de fato, a que seguiria. Aos oito anos, percebeu que o vôlei mexia de maneira diferente com o coração dela, então não teve dúvida da resposta.

Em 2015, a mineira aterrissou pela primeira no Distrito Federal, quando o clube ainda adotava o batismo de Terracap/BRB/ Brasília Vôlei. Na época e com pouca idade, podia desfrutar e aprender com atletas como Paula Pequeno, Sassá, Macris e grandes referências do vôlei. “Eu estava lá para aprender com elas,

sugar o máximo que eu podia”, afirmou. Depois, a libero teve passagens pelo Rexona Sesc (atual Sesc-Flamengo) e pelo Sesc-RJ, até retornar para o Brasília, onde está até os dias atuais.

“A segunda vez que eu retornei ao Brasília vôlei foi diferente. Eu tive uma responsabilidade maior, pois foi ali que eu ganhei a oportunidade de jogar de titular e ir construindo a minha história com o Brasília vôlei”, contou.

Há seis anos no clube, Vitória enfrentou altos e baixos, viu pessoas indo e vindo, mas é grata por tudo. “O Brasília Vôlei faz parte da minha história, não existe eu falar da minha vida sem falar do Brasília Vôlei”, emocionou-se.

Vitória é uma das líderes do time comandado por Spencer Lee e tentará quebrar a sequência ruim neste início da Superliga Feminina 2025/2026. Em cinco jogos, o Brasília tem uma vitória e três derrotas. A missão não será fácil. O Sesc-Flamengo está invicto na competição, com três triunfos. As cariocas são treinadas por ninguém menos que o ícone Bernardinho. O projeto do vôlei feminino rubro-negro vive novidade nesta temporada, com aporte financeiro e o objetivo de disputar, em até três anos, o Mundial de Clubes da modalidade.

BASQUETE



Mathieu Marminho/Clube Brasília Basquete

Ala-pívô de 1,96m de altura, Beller está em evolução no Brasília

O contador de cestas do NBB

LUCAS ALARCÃO*

Enquanto muitos atletas deixam a faculdade pelo caminho devido à falta de tempo, Allan Beller fez um percurso diferente. Formado em Ciências Contábeis, o ala-pívô do Brasília Basquete é um ponto fora da curva em um meio no qual o estudo é o diferencial. No entanto, para ele, as lógicas dos números e do esporte sempre se cruzaram, pois exigem cálculo, precisão e coragem para arriscar quando o cronômetro está prestes a zerar. Beller espera que tudo isso sirva para o duelo contra o Cruzeiro pelo NBB, hoje, às 20h15, no Ginásio Nilson Nelson.

“Desde quando comecei a treinar, sempre foi a minha vontade, mas uma coisa que minha mãe sempre prezou em casa foi os estudos. Para eu conseguir treinar, participar dos campeonatos e fazer peneira, tinha de estar bem na escola”, conta o ala-pívô.

Formado no segundo semestre de 2024, no Uniprojeção de Taguatinga, a faculdade entrou na vida de Beller em 2021, como uma surpresa. Aos 17 anos, o

jogador ainda não participava da Liga Nacional e jogava no time da Moveon. Sem esperanças de se tornar profissional, chegou a se alistar no Exército e recebeu o convite para prestar vestibular. O que Beller não esperava era o resultado da prova: o atleta acertou 90% das questões e recebeu bolsa integral para cursar na faculdade. Optou por ciências contábeis, devido ao gosto pela matemática. Em meio ao novo passo acadêmico, celebrou a entrada para o elenco profissional do Brasília Basquete. Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades. A partir daí, surgiu a dificuldade de conciliar os estudos com as quadras.

O atleta ainda não atuou na área, mas deseja cursar pós-graduação em planejamento tributário. O objetivo é fazer a própria contabilidade e abrir um escritório especializado em direito de imagem. “Quase todos jogadores de basquete têm PJ, e a maioria deles precisam de um contador para fazer essas coisas”, explica.

* Estagiária sob a supervisão de Marcos Paulo Lima